

OTCHALI HEBO

SEGREDOS DA MORTE



EDITORA



BANCADA DOS ESCRITORES

SOBRE NÓS

A Bancada dos Escritores foi fundada oficialmente no dia 05 de Setembro de 2021, por Nascimento Artur Hebo, Junto de Mayomona Dinis. A Editora foi criada preliminarmente como uma ajuda para os escritores da nova geração, foi criada para direccioná-los nalgumas Editoras com o escopo de puderem assoalhar as suas obras, quer electrónica quer física, à vista disso, mantíamos contactos com várias editoras, e concomitantemente, surgiu-nos a imprescindibilidade de criarmos uma editora, com o intento de difundir a cultura nacional e de valorizar o livro e a leitura. Concebemos os serviços de edição de livros digitais (e quiçá um dia físicos), promovendo o trabalho do escritor em diversas páginas e plataformas.

SOBRE O AUTOR



Escritor, colunista, romancista, investigador cultural e diagramador.

Nome de registo: Nascimento Artur Hebo

Natural de: Luanda -Sambizanga.

Cursou Ciências Antropológicas.

Amante da literatura mormente angolana.

Facebook: Otchali Hebo

WhatsApp: 939835951.

FICHA TÉCNICA

Título **SEGREDOS DA MORTE**

Autor **Otchali Hebo**

Formatação e Revisão linguística
Eliseu Abraão & Simbovala Cambolo

ISBN

Editora **Bancada dos Escritores**

Diagramação **Bancada dos Escritores**

Ano **2022**

País **Angola**

Cidade **Luanda**

Editor **Mayomona Dinis**

Capa **João Dinis Lomba**

Correio electrónico

bancadadosescritores2@gmail.com

Facetou

Bancada dos Escritores

Copyright © 2022 Editora Bancada dos Escritores

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, electrónico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito da editora e do escritor autóctone, excepto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

AGRADECIMENTO

A conclusão desta obra representa o desfecho de um percurso de trabalho árduo (pesquisas e entrevistas), onde procurei dar o melhor de mim e aprender com todos aqueles que se cruzaram no meu caminho. Expresso em primeiro lugar, os meus votos de agradecimentos ao leitor e editor Arnaldo Ramiros AR pela sua disponibilidade, incentivo e direcções que foram cruciais para a conclusão da mesma.

A toda minha família e principalmente aos meus pais, exemplos de força e coragem. Aos meus irmãos do Monte Alverne que sempre me apoiaram incondicionalmente e sempre acreditaram em mim. À Maria Sambuale um especial obrigado, pela paciência e incentivo. A sua força e determinação são certamente um exemplo. E por fim, à editora Bancada dos Escritores por aceitar e dedicar o seu tempo para edição desta obra!

O que acontece ao ser humano depois da morte?

Segundo é a questão de o quê acontece, se acontece, especialmente com os humanos, durante e após a morte (ou o que acontece "uma vez já morto", se pensarmos na morte como um estado permanente). Tais questões vêm de longa data, e a crença numa vida após a morte é comum e antiga. Para muitos, a crença e informações sobre vida após a morte é uma consolação e cobardia em relação à morte de um ser amado ou à prospecção da sua própria morte. Por outro lado, medo do inferno ou de outras consequências negativas podem tornar a morte algo pior. A contemplação humana da morte é uma motivação importante para o desenvolvimento de religiões organizadas.

Muitos antropologistas sentem que enterros cuidados entre **Homo neanderthalensis**, onde corpos ornamentados estão em covas cuidadosamente escavadas com covas decoradas com flores, é evidência de antiga crença em vida após a morte.

Enquanto existem estudos modernos em vida após a morte, aceitação de sua existência ou não-existência continua a ser um fato de crença para a maioria das pessoas.

PREFÁCIO

O que é a morte? A resposta, a princípio, parece fácil: morte é o fim da vida, a cessação da existência. Mas... sabemos o que é a vida? Sabemos o que significa sua cessação? Não é muito fácil responder a essas perguntas, pelo menos não através da ciência. A maioria das pessoas tem pouco interesse pelas definições que a ciência atribui à vida e à morte. Em 1993, uma das mentes mais brilhantes do mundo da ciência convencional: Amit Goswami após a publicação de seu livro (*O universo autoconsciente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998, [N.R.T.]), em que propõe um novo paradigma científico para a natureza da realidade, uma ciência baseada no primado da consciência, participou de um programa de rádio ao vivo. A primeira pergunta que lhe fizeram

não foi sobre a natureza da realidade ou da consciência, e sim se existia vida após a morte. De imediato, ficou surpreso; depois, deu-se conta que, para muita gente, esta é a principal indagação acerca da realidade. Até as crianças querem saber a respeito. Em uma carta dirigida a Deus, uma criança escreveu: "Querido Deus, o que acontece quando a gente morre? Não quero morrer. Só quero saber o que acontece".

O que ocorre após a morte? No passado, essa pergunta deve ter sido feita a sacerdotes, ministros, gurus, mulas, rabinos, mestres zen ou xamãs. Uma questão que não era, nem de longe, considerada científica. Naqueles tempos, a ciência lidava com aspectos mundanos da vida, enquanto a religião era fonte de respostas para questionamentos que tocavam mais de perto as pessoas: como viver, o que acontece após a morte, como conhecer Deus, e outros tantos. Nem sempre se recebia uma resposta. Um aspirante zen procurou um mestre e perguntou-lhe: "O que acontece após a morte?" O mestre zen respondeu: "Eu não sei". "Mas você é um mestre", protestou o aspirante. "Mas não um mestre morto", foi a resposta. Contudo, muitos gurus de diversas religiões titubearam menos ao dar explicações. E as respostas, em sua maioria, eram simples (pelo menos, aquelas dadas pelas religiões organizadas). Deus é o imperador supremo do mundo, que está dividido entre bem e mal. Se a pessoa é "do bem", depois da morte irá para o Céu, um lugar ou

mesmo, um estado de paz e beatitude, muito aprazível. Se, porém, ela segue o mal, a morte a lançará ao Inferno, que a envolverá em chamas, gases sulfúreos, gehena e sofrimentos. A mensagem da religião era: "seja bom". E se ser bom não é algo que mereça recompensas aqui, na Terra, trará compensações após a morte.

“A vida é a grande indulgência; a morte, a grande abstinência — para uma pessoa que está satisfeita com sua existência terrena, a vida é como uma festa (e ninguém gosta de deixar uma boa festa). Pela mesma razão, se uma pessoa está aproveitando aqui na Terra, não entregará prontamente a sua vida pela promessa de uma pós vida da qual se não conhece nada.” Anton Szandor LaVey

Ora, nesta sofisticada era científica em que vivemos, esse tipo de resposta não satisfaz.

E você leitor, será que vai encontrar explicações sofisticadas e satisfatórias neste livro? Espero que sim, Otchali Hebo promete. As respostas encontram-se baseadas nas sortidas ideias religiosas, em uma nova física com Dr. Olavo, na mística oriental, etc.

A alma do homem é como água;
Vem do Céu
Ao Céu volta
E depois retorna à Terra,
Em eterna alternância.

(Em *Song of the Spirits over the Waters*, citado em
Viney, 1993.)

Aqui você encontrará a verdade — e a fantasia. Cada uma é necessária para que a outra exista; mas cada uma pode ser reconhecida pelo que é. O que você vê pode nem sempre lhe agradar, mas você vai ver!

Editora Bancada dos Escritores

OTCHALI HEBO

SEGREDOS
DA
MORTE

EDITORA
 BANCADA DOS ESCRITORES

Índice

| | |
|------------------------------------------|----|
| <i>PREFÁCIO</i> | 5 |
| <i>APRESENTAÇÃO</i> | 13 |
| <i>CAPÍTULO 1</i> | 15 |
| <i>Meu avô segredou-me sobre a morte</i> | 15 |
| <i>CAPÍTULO 2</i> | 23 |
| <i>O desastre que a morte causara</i> | 23 |
| <i>CAPÍTULO 3</i> | 27 |
| <i>O que acontece depois da morte?</i> | 27 |
| <i>CAPÍTULO 4</i> | 33 |
| <i>Que segredos são estes?</i> | 33 |
| <i>CAPÍTULO 5</i> | 36 |
| <i>O grande segredo</i> | 36 |
| <i>NOTA DO ESCRITOR</i> | 45 |

A morte não é a maior perda da vida. A maior perda da vida é o que morre dentro de nós enquanto vivemos... (Pablo Picasso).

A morte nos ensina que a vida, nada mais é do que um instante. (Welen Medeiros)

APRESENTAÇÃO

O que há depois da morte é uma ideia que nos é inculcada no intelecto. Sabe-se na verdade muitas alusões que dizem respeito aos mistérios da morte porque fomos embriagados por tais ideias que são frutos da irrupção de cada um. Todos sabem com plena certeza de que um dia hão de morrer e parar de existir, mas o que ninguém tem certeza é quando exactamente.

Cabe agora a pergunta: actualmente, de que maneira vivemos a experiência da morte? Hoje, de que modo pensamos sobre a relação entre vida e a morte?

Talvez nesta obra tenham surgido respostas, mas não todas as que esperávamos. Por isso mesmo, meu espírito permanece aberto, inquieto, já que a última página desta publicação é apenas uma a mais naquela que em outro tempo e lugar escreverei; talvez uma inquietude, uma resposta para logo trocá-la por outra. Parafraseando **Jaspers**, “o homem é um ser em caminho, um eterno viajante, um eterno inquisidor do mistério da vida, do mundo que o rodeia e daquele que o transcende (*Jaspers, KLa filosofia. México, FCE, 1978*).

A verdade é que a minha atroz intenção não é resolver os enigmas da morte, é sim propor enigma, fazer o leitor pensar e não pensar por ele.

O enredo deste livro se desenvolve em cada época, ao modo de encarar a vida a existência da realidade, de organizar a convivência social de modo a escoimar, presumo, a ingênua tendência de temer o que é inevitável, “a morte”. Creio que a historiografia desta obra que é/será um grande contributo para o enriquecimento da literatura angolana ao transmitir aos meus contemporâneos e as gerações vindouras por meio de linhas escritas um testemunho desses milagres que reflectemas relações do homem com o mundo.

CAPÍTULO 1

Meu avô segredou-me sobre a morte

Meu nome é Kieza, nasci em Malanje criada aqui em Luanda, vi esta cidade crescer. Eu vivia com meu avô no Kinaxixi. Durante muito tempo devastara aqui a morte. Eu vi com os meus próprios olhos. Foi aqui onde conheci a morte e os seus segredos.

No princípio, vivia aqui um homem gentio. Ele acreditava que a terra era infinita como o céu e não pertencia a ninguém.

Certo dia, num amanhecer, anunciado pelos pássaros antes da mudança das tonalidades no horizonte. Nzau, o nosso cãozinho chega correndo assustado. Para...! Viva...! Para...! — Viva e continua fugindo. E, se vê algo, desaparece piando vibrante. E há ainda o som misterioso do vento atravessando nossos ouvidos, meu avô ficou perplexo com aquilo, seguiu procurando aonde vinha o som. Eu estive seguindo-o a uns cem metros que o vi de repente parado numa lagoa com uma mulher que tinha rabos de peixe, vi-me assustada com aquilo — era a Kianda, a sereia misteriosa, a grande lenda angolana — a mulher falava num tom muito baixo e eu não podia ouvir perfeitamente. Assim que me aproximei mais um pouco, a mulher apontou seus dedos longos a mim, eu parei com

medo, muito medo. Meu avô olhou para mim com muita desconfiança enquanto a mulher jogou-se no lago. A mulher contou-lhe os segredos da “morte”.

Eu tinha os meus 6 anos quando tudo isso aconteceu e meu avô me contara os segredos da morte. Agora estou com os meus 28 anos e ainda os guardo comigo. Falar da morte não é uma coisa muito agradável, não é mesmo? Mas se há uma certeza na vida de todo mundo é que um dia todos morreremos e não há quem consiga enganar a morte. Pelo menos não por muito tempo, por isso mesmo conto-vos os segredos da morte.

Na tarde de sexta-feira o calendário pendurado na parede de casa marcava 02 de Novembro, na verdade o dia de hoje tem um círculo em volta. Como é de costume, fui visitar o túmulo do meu avô o céu estava ensolarado, o clima estava quente, senti a temperatura do sol beijando a terra como julga-se ser no inferno. Ao lado do túmulo do meu avô está a sepultura do meu irmão que morreu há seis meses e isso fez-me chorar muito que fiquei sem forças até que meus pés nus se fincaram na terra, concentrei-me para não cair desmaiada aí. Dizem que o primeiro ano após uma perda importante é o pior. As perdas são um tipo específico de insanidade, e não há como amenizá-las. Não existem atalhos e o luto só é superado se for vivenciado. A gente acorda todo dia e

espera a hora de dormir para acordar no dia seguinte e fazer o mesmo. Até que um dia você aterrissa.

Eu ainda não havia aprendido a viver sem o meu mais querido irmão. Aquela realidade veio forte como uma sacudida.

Ainda me lembro da noite suicida que levou meu irmão para uma viagem sem volta. Na noite em que meu irmão morreu, tivemos uma conversa engajadora e pertinente sobre o real sentido da vida. Lembro-me diante de seu túmulo como se fosse hoje e acredito que ele também esteja se lembrando. Embora eu imaginasse que a dor fosse me engolir, encontrei um consolo sereno, um calor que me fez lembrar a mão dele afagando meu pescoço e seus lábios beijando a minha testa. Não exactamente, claro, mas a sensação era de que Makonda estava por perto, uma sensação boa:

— Por que existimos? Perguntou.

— Não saberei lhe dizer verdadeiramente, Makonda. Porque cada um encontra essa resposta analisando a si mesmo. Acredito que temos uma missão temporária.

— Está bem Kieza, entendo que seja assim, mas qual é o sentido da vida?

— O sentido da vida encontra-se na morte.

— Como a morte pode dar sentido à vida? — Não pode ser verdade! Acrescentou.

— Só encontramos o veraz sentido da vida na morte! Às vezes é complicado entender isso, mas, é com o tempo que entendemos melhor.

— Como assim? Não acredito que isso seja verdade Kieza. Explica-me melhor a respeito.

— Preste atenção Makonda. Você nunca pensaria sobre a morte se jamais alguém tivesse morrido, nem nunca pensaria em conservar a sua saúde se nunca tivesse morrido alguém por lhe faltar a saúde.

— O que pensamos quando morre alguém? É óbvio que fazemos uma reminiscência de nós mesmos, sobre como levamos a nossa vida e o que pode nos levar a morte. Pensar na morte é também pensar na acção que orienta o ser humano sobre a forma como quer viver e deixar a sua marca social e histórica e que o faz pensar numa dimensão ética de constante reflexão sobre os seus princípios orientadores.

— Entendo, e como deve ser a morte Kieza?

— Ah! Makonda, se a vires por aí, nem acreditarás que é ela, por causa do seu rosto afável e prazeroso.

— E será que devo ter medo dela?

— Não, Makonda. Não deves temer a morte porque...

Um som cavo arruidou os nossos ouvidos que me cortou a fala, o som era estranho. A noite estava num clima triste, numa brisa leve e serena. Makonda enlaçou-se em meu corpo e afagou o meu pescoço e depois despediu-se para ir dormir dando-me um beijo na testa. Parece que ele sabia que a morte estava próxima, e a nossa conversa foi exactamente uma preparação. Bem, na verdade, a morte pode ser mesmo mais ou menos prevista, por isso até hoje vivo culpando-lhe por não se despedir de mim da melhor forma. A morte o levou naquela triste noite.

Penso muito na morte de meu irmão, ainda mais hoje que estaríamos a comemorar o seu aniversário natalício. Minha mãe de feliz memória deu-lhe à luz num dia muito estranho.

Saí daquele lugar andando, lentamente, sapatos arrastados, peito pesado. A serenidade do ambiente foi uma grande disputa com a dor que habitava dentro de mim. Muito sozinha no meio da imensidão daquele campo-santo, naquela tarde de sexta-feira entendo por fim que a vida é um sopro leve que lançado não volta à sua fonte e como a água de um rio que vai deslizando até desembocar no vasto mar da contemplação do belo e do bom ou da própria ruína.

Voltei a andar mais calma depois de um desabafo interior. Devia agradecer por isso, sentir leveza, mas era tudo estranho demais, novo demais. Há meses eu só

seguia assim. Chorando, observando, procrastinando. Sendo espectadora do meu cotidiano.

No dia seguinte, a dor parecia calada, encurralada em algum canto da minha alma. Sufocada por ver que todo mundo a minha volta estava feliz, principalmente até os meus companheiros de azar. Acordei pensando em como dar continuidade à minha vida. E mais uma vez, quando a minha realidade virava de cabeça para baixo, era Mabanza uma das pouquíssimas pessoas no mundo em quem eu depositava confiança, quem me estendia a mão. Um homem jovem, de pele escura, na casa dos 30 anos, alto e forte.

Eu o achava atraente e tentava disfarçar as reações do meu corpo com a aproximação dele.

— Olá, Kieza! Como você está? Achei que saírias hoje.

— Na verdade estou a pensar em sair para descontraír um pouco. — Hoje acordei bem melhor do que nunca. Sorri devagar, como se tivesse contado uma piada. A presença de Mabanza possuía o poder de estabilizar minhas emoções.

Ele ergueu as sobrancelhas esperando que eu explicasse mais a respeito do meu acordar “bem melhor”.

— Ontem fui visitar minha família no cemitério, deu para desabafar um pouco e hoje sinto que tenho de me descontraír.

Vi-o fazendo um rosto bonito. O que ele mais queria era que eu superasse logo toda a tristeza que vivia.

— Que bom que hoje acordou melhor do que nunca, espero que seja assim doravante.

Disse mostrando um sorriso leve em seu rosto. Seu sorriso era contagiante que me coloquei a rir também.

— Você gostaria de acompanhar-me Mabanza?

— É claro madame. Para aonde vamos desta vez?

— Vamos caminhar até não poder mais.

Ele assentiu e conversávamos enquanto estávamos a caminhar.

— Ontem fui visitar minha família e ao passar por uma sepultura que figurava uma racha antiga, senti cheiro de corpo em decomposição, não é nada agradável. Acho que esse é um dos piores cheiros do mundo.

Fiz uma cara feia e Mabanza escancarou sua boca sorrindo de mim.

— Sabe Kieza, quando eu era mais novo sentia muito medo da morte.

Desta vez eu ri dele.

— Lembra do medo absurdo de morrer que você tinha na infância? Hoje em dia, por mais que você não queira passar dessa vida para uma melhor, é provável que seu medo do juízo final tenha reduzido bastante. Não é mesmo?

— Claro. Hoje considero-me um homenzão.

Falou brincando.

— Falar de morrer não é uma coisa muito agradável, não é? Aliás, esse é um assunto tão fascinante e medonho. Eu sei os segredos da morte. Quando era mais pequena, meu avô contara-me seus segredos, por isso vivo preparada para encontrá-la aonde quer que esteja.

— Segredos da morte? Como assim? Perguntou ele num tom admirado.

CAPÍTULO 2

O desastre que a morte causara

Eu esperava ter um dia como tantos outros, comum, em que eu trabalharia, cuidaria da casa, dos negócios e dormiria ansiando por um toque de Mabanza na porta, como fazia há 5 anos. Eu não contava com um autêntico desastre. Desta vez, a morte causara mais um desastre levando a mãe de Mabanza que gozava já de uns 60 e poucos anos. Me senti culpada por não lhe ter contado os segredos da morte para que assim estivesse preparado.

Era para ser mais um dia normal na minha vida, até porque há poucos dias estou tentando superar a morte de meu irmão, mas este estava bastante atípico.

Acordei cedo, como de costume, cuidei da casa e comecei a fazer as ligações para saber se os meus negócios estavam todos em dia. Depois que fiz as ligações, achei estranho não ter nenhum sinal de Mabanza. Empoleirei o meu corpo sobre o balcão da cozinha e disquei para o número de Mabanza. Mais estranho ainda, o telefone chamava e ninguém atendia.

— Aonde é que ele se meteu? Por que não atende o telefone? Será que o fiz alguma coisa? Insinuei. Comecei a criar um montão de pensamentos que nem eu mesma estava entendendo, dei de ombros. Deve estar a fazer algo importante. Conclui.

Aproveitei cozinhar alguma coisa para comer. O dia estava indo adiantado, já fazia um bom tempo sem nenhum sinal de Mabanza que comecei a sentir-me incompleta. A confusão de pensamentos em minha cabeça fazia uma guerra tremenda que comecei a sentir algumas picadelas.

Fui tomar um banho, me preparei e decidi ir à casa de Mabanza. Então como dizem, se Maomé não vai até a montanha, a montanha vai até a Maomé. A casa de Mabanza estava a um quilómetro, não precisava pegar sequer um táxi. Caminhei devagar estranhando algumas coisas pelo caminho, pois, fazia um bom tempo que não passava por aqueles caminhos que dão acesso à casa de Mabanza. Ao fazer a última curva para chegar à casa de Mabanza, encruzilhei-me com Maria. Uma amiga de longa data.

— Oi, Maria! Como você está?

— Oi, Kieza. Estou bem! Pelo visto também estás. Respondeu dando-me um forte abraço.

— Estou tentando superar aos poucos. Assenti e dei uma risada leve.

— Faz muito tempo que não vejo você por aqui. Onde vais?

— Vou a casa de Mabanza.

— Wau, como você está linda!

— Não exagere Maria. Estou que nem uma madre que acabou abandonando o convento trajada de roupas feita uma velha. Sorri!

— Agora é você quem exagerou Kieza. Sorriu mais forte.

— Aonde você está indo Maria? Perguntei fazendo uma cara séria.

— Hãh! Estou indo à casa do Miguel, convidou-me para tomar um almoço com a sua família.

— Wau, que bom! Aproveite o seu dia. Nos vemos no final de semana. Acenei para ela e continuei caminhando.

Defronte à casa de Mabanza, parei um pouquinho e fiz uma expressão mais séria. Chego e bato a porta, mas ninguém abre. Comecei a ficar mais preocupada do que já estava. Peguei o telefone e disquei novamente para o número de Mabanza. Desta vez ele atendeu.

— Aló!

— Você está bem? — Sua voz grossa e baixa chamou a minha atenção. Alguma coisa estremeceu em meu peito. Alguma coisa errada estava acontecendo, julguei. Aquele não era o tom normal de Mabanza.

— Estou na Clínica Girassol. Respondeu triste!

— Eu estou em sua casa, chego aí a uns instantes. Desliguei.

Chamei rapidamente a um táxi e fui às pressas em direcção à Clínica Girassol. Eu sabia que algo estava acontecendo. Mabanza não ficaria tanto tempo sem dar-me um sinal de vida. O dia estava claro e o sol rebatia nos carros (tanto os parados na rua como os que estavam em movimento), entrando pela janela entreaberta, causando um leve desconforto nos olhos. Vi de repente um carro grande, (nem deu para lembrar a marca) que bateu em nosso carro. Assustei, dei um forte e temeroso grito. Naquele momento vi-me suplicar a Deus enquanto o carro girava sem direcção. O motorista que dirigia o carro, foi lançado para fora já sem vida e eu fiquei presa ali dentro.

Senti a pressão do meu coração bramando fora do seu tom normal. Vi-me perder a memória. Senti minha vida acabando. Com as minhas mãos trémulas comecei lutando para ver se conseguiria me soltar daqueles maldosos cintos. Puxei de forma desorientada com muita força, persistindo mesmo tremendo de medo. — Agora é o fim. Acho que só me restava dois suspiros de vida. Senti a presença da morte quando aquele carro bateu sobre um poste enorme de energia. — Chegou a minha hora? Perguntei para ela...

CAPÍTULO 3

O que acontece depois da morte?

Eu vi os doutores passando às pressas com uma maca de roda. Estive conversando com a enfermeira Matilde Soares quando um leve rumor me atraiu a atenção, e olhando para o cenário, vi vários doutores que andavam e corriam de um lado a outro. Haviam saído do carro que se achava à vista a frente da clínica.

No mesmo instante, enquanto os observava chegou o doutor Makaya dizendo que minha mãe está em estado crítico, mas que está lutando pela vida. *Que ela está lutando pela vida, era o suficiente que precisava ouvir. Disse a mim mesmo.*

Quando volvi novamente a cabeça para o cenário, os vi já entrando numa sala. O que vi, então, encheu-me de confusão e espanto, talvez tinham se passado uns 5 minutos, pois foi tudo tão rápido.

Em seguida, me vi correndo até à sala onde estava minha mãe e vi-a descansando. Havia algo estranho em mim que me fez olhá-la mais atentamente. Meu coração fazia um frémito incomum, ao que me parecia estar a acontecer algo.

— O que deve estar a acontecer? Perguntei a mim mesmo enquanto olhava fixamente para minha mãe. Pareceu-me que se movia. Um instante depois vi isso

confirmado. Movia lentamente os dedos das mãos. Estive a observá-la alguns minutos, mais maravilhado, mas, o frémito incomum do meu coração não passava.

Saí da sala tentando me acalmar e entender o que era aquilo. Peguei o telefone disquei para o número de Kieza...

— Estranho! Disse a mim mesmo numa voz baixa, pois Kieza estava sempre com o telefone a alerta. — Como é possível não atender? — Ela disse que está vindo, mas até agora não chega? Voltei a perguntar-me. Liguei novamente e ouvi uma voz estranha e grossa. Era de um Homem.

— Aló!

— Com quem estou falando? Respondi enciumado.

— Falas com o Dr. Olavo Pereira. O senhor é parente da dona deste telefone? Perguntou ele num sotaque português, deu para perceber.

— Sim. Cadê a Kieza? Perguntei agora mais preocupado.

— Senhor, encontra-me na Clínica Girassol. A senhora sofreu um acidente...

— Acidente? O doutor nem terminou de falar. Desliguei o telefone rapidamente e fui ao balcão falar com a enfermeira.

— Boa tarde senhora! Gostaria de encontrar-me com o doutor Olavo Pereira.

— Aguarde senhor, vamos notificar-lhe.

A enfermeira trajava uma bata branca que acompanhava com a cor do seu pijama e do seu chapeuzinho. Eu a observava até que terminou de falar com o doutor:

— Senhor, encontre o doutor Olavo na última sala a direita deste corredor. A enfermeira indicou-me com seu dedo indicador.

Fiz exactamente como a enfermeira me tinha indicado. Ao entrar na sala, encontro o Dr.Olavo verificando o balão se soro que esgotava lentamente.

— Boa tarde doutor! Como ela está?

— Acalma-se senhor, ela está bem! Só desmaiou pelo susto. Por sorte ela ficou prendida pelos cintos de segurança.

Mabanza deu um suspiro intenso e ficou mais calmo. Naquele momento enquanto conversava com o doutor, acordei inconsciente, dava para perceber em meu olhar.

— Onde estou? Perguntei.

— Acalme-se Kieza, estou aqui com você. Disse Mabanza.

— Não é isto que estou dizendo.

— Como assim Kieza? O que você está dizendo?

— Eu pude ver...disse reparando minhas mãos e beliscando meu corpo assustado como quem não acreditasse ainda estar viva.

— O que você viu?

— O que vi é extremamente singular. Falei com um ar pensativo e parecendo inconsciente do significado de minhas próprias palavras.

— Doutor do que ela está falando? – Faça alguma coisa. Disse Mabanza.

— Foi só pela falta de oxigenação no cérebro, a qual cria alucinações visuais e também sensoriais em pacientes à beira da morte.

— Seja mais claro doutor, não entendi absolutamente nada. Disse Mabanza.

— Quando estamos em situações agonizantes da vida à beira da morte, nossos neurónios perdem a capacidade de carga eléctrica, já que também morrem e descarregam uma sequência anormal capaz de gerar

alucinações. Portanto podes ficar calmo senhor. Acrescentou o doutor.

— Estás enganado doutor. Eu vi todos meus familiares que nos precederam na morte. Disse fazendo um rosto mais sombrio.

Mabanza enquanto ouvia o que falava, mostrou-se agitado por emoções variadas, deu de ombros concordando com o doutor.

— É verdade Kieza, o doutor tem razão.

— Como assim? Acredite em mim Mabanza, não estou louca. Aquele era como um lugar de espera, onde as pessoas se purificavam e...

— Kieza! Kieza! Exclamou Mabanza dando uma risada sarcástica. — Acho que foi só uma alucinação. O doutor já explicou o que aconteceu. — Agora beba um pouco de água.

Neguei fazendo um rosto triste. Em seguida dei um suspiro profundo de desespero. Eu sabia do que estava falando, mas, eles achavam que a ciência nas palavras do doctortinha a absoluta exactidão.

— Por que você não acredita em mim, Mabanza?

— Kieza, isso são só fantasias da sua cabeça.

— Você acha mesmo que o doutor deu a resposta mais sensata para isso?

— Os homens são por natureza seres falíveis, mas, acho que o doutor está certo. E aliás, você quer dizer que estava morta é isso? — A morte é para os homens fracos e você só não morreu por ser realmente forte, tudo mostra. Disse Mabanza com um olhar mais sério afagando os meus ombros.

— Os homens! Exclamei. — Quem somos? Somos péssimos. — Achamos que somos inextinguíveis e infinitos só porque podemos pensar, cuidar de nós mesmos e dominar uma fracção ínfima à nossa volta diferente de uma pedra ou uma tábua, mas aposto que os dinossauros também acreditavam que iriam durar para sempre. Queremos nos fazer grandes mesmo na erudita pequenez de que somos. Há muito que forcejamos desvendar os enigmas da vida, mas num ventear a vida se consoma, e assim, se arremata toda diligência humana. — A única certeza que temos é que a morte é um facto, mas o que acontece depois dela? — Será que o doutor também tem uma explicação para isso? Certamente a morte o limitará, e também a sua impotência. Tenha ao menos, a coragem de fugir das fronteiras da preguiça e da prepotência.

CAPÍTULO 4

Que segredos são estes?

Já haviam passado dois meses desde que a mãe de Mabanza desfaleceu, e ele anda sempre triste e mal-humorado. Eu tento sempre fazer de tudo a fim de o libertar da dor que vive e fazê-lo compreender que a vida tem dessas.

É surpreendente para mim vê-lo nessas péssimas condições e inacreditável porque é ele quem ajuda-me a superar todo infortúnio que vivo. Mas a sua coragem e os seus pomposos conselhos caem por terra quando o vejo choramingando que nem uma criancinha pela morte de sua mãe.

Estava eu sentada num banco de madeira a 15 metros da porta de entrada, quando Mabanza escancarou a porta e o vi entrando em minha casa, vestido duma camisa de pano de cor preta, umas calças jeans, e o seu rosto triste se denotava.

— Tudo bem contigo Mabanza? Levantei olhando-o estranhamente.

— Estou bem e contigo Kieza? Respondeu forçando um sorriso.

— Você não me parece estar bem Mabanza. Insisti para que me explicasse o que estava acontecendo, ora, o seu rosto triste o denunciava.

— Não, não está acontecendo nada Kieza. Falou virando-me as costas.

— Então explica-me a razão deste rosto triste e mal-humorado. Insisti novamente.

Mabanza virou-se e olhou-me intensamente quando de repente começou a lacrimejar. Num instante perguntou-me:

— Kieza, doutra vez você falou-me dos segredos da morte. — Que segredos são estes?

Fiquei perplexa, senti uma pressão profunda em meu coração apertado. Uma batida leve na porta salvou-me daquele momento. Era a Maria e Emília, minhas companheiras de infortúnios. Emília demonstra-se ser muito incrédula em tudo e todos.

— Oi! Como vocês estão? Perguntei

— Estamos bem. Responderam entre os dentes ao ver Mabanza chorando.

— O que ele está chorando, Kieza?

Olhei-as e fiquei sem o que responder por uns minutinhos.

— Ele continua chorando sua mãe.

— Coitadinho dele. Disse Maria fazendo uma cara triste e sentindo pena dele.

— A vida e a morte, o nascer e o morrer, é o maior jogo de dados que conhecemos; ansiosos, interessados, agitados assistimos a cada partida, porque a nossos olhos tudo se resume nisso. Eu não conheço dor da perda de uma mãe, mas também, se não fosse a dor, poderíamos dizer que a nossa existência no mundo não teria nenhuma razão de ser, por isso desejo-te coragem Mabanza. Disse Maria afagando seu ombro.

— É verdade Mabanza, todos nós necessitamos sofrer certo número de preocupações, de penas e misérias, da mesma maneira que um barco tem necessidade de lastro para conservar seu equilíbrio. Disse a Emília concordando com Maria.

— Mabanza tem sido um homem forte, mas a perda de sua mãe o deixa como um barco à deriva. Falei colocando as mãos na cabeça sem saber o que fazer para o ajudar.

— Kieza diz saber os segredos da morte. Disse Mabanza.

CAPÍTULO 5

O grande segredo

Sempre tenho tentado disfarçar aquando me questionam sobre os segredos da morte, mas hoje não me foi possível, pois todos esperavam que eu dissesse alguma coisa a respeito.

Mabanza em um tom triste entre choros e lágrimas pediu-me que o revelasse os segredos da morte.

— Kieza, por favor! Se tu conheces os segredos da morte, diga-me que segredos são esses.

— Segredos? Perguntou Emília num tom admirado. Aquilo soava absurdo para ela, dava para notar em seu rosto.

— Só pode estar a mentir. Duvidou Maria.

— Como pode pensar que conhece os segredos da morte? Murmurinharam as duas.

— Tenho uma pergunta a lhe fazer, Kieza. Disse Emília.

— Quer saber que segredos são esses? Pois faça, (...). Disse fixando-a no rosto.

— Tentei eu mesma encontrar a resposta por meio dos meus conhecimentos, mas não consegui.

— E que conhecimentos são esses? Perguntei confusa.

— Todos conhecimentos que venho adquirindo desde que entrei na escola.

— Seja mais exacta.

— Desde que minha mãe me deu à luz e comecei a fazer o uso do meu raciocínio.

— Falta ainda mais exactidão na sua resposta Emília. Falei com um certo aborrecimento no rosto.

— Tem razão, Kieza, vou tentar ser mais clara.

— Fale logo Emília. Falei pressionando-a.

— Ah, é sobre os mitos escatológicos, do fim do mundo e da morte dos que nele vivem. Em alguns mitos, fala-se de um tempo anterior em que se desconhecia a morte, uma era que foi interrompida por um acidente ou um erro cometido por alguém (instituinto-se a morte como castigo), ou mesmo para evitar a superpopulação.

— Continue Emília...

— Ah, de facto, outros mitos, geralmente de tradições culturais mais elaboradas, trazem a ideia de que, antes de surgir a morte, o homem era imortal e vivia no paraíso. A perda de sua imortalidade e sua expulsão

do paraíso seriam punições aplicadas especificamente à humanidade, devido a alguma ofensa que esta praticara ao (s) seu(s) deus(es).

— Vai, pense mais.

— No Génesis, a morte sobreveio à humanidade quando esta desejou ultrapassar seus limites de conhecimento.

— Pense, pense...

— Bem, há também, em alguns mitos, a associação da morte como parte de um ciclo vital (análogo ao dos vegetais), tal como o nascimento e a sexualidade e perpetuação da vida. Esse era um pensamento possivelmente surgido de antigas comunidades agrícolas.

— Continue.

— Ah, Kieza, lembro-me também que o mito escatológico pressupõe a criação do universo como obra de uma divindade que, como defensora da pureza da existência, haverá de destruir sua obra para dar lugar a uma outra, nova e melhorada. Enquanto este fim não chega, a humanidade é observada, julgada e preparada para uma existência posterior a seu fim, que pode ser paradisiaca ou de tormentos eternos, a depender de sua conduta nesta vida. Tais mitos podem ser vistos entre os

ensinamentos dos hebreus, cristãos, muçulmanos e seguidores do zoroastrismo.

— Depois?

— Bem, segundo se afirmou que Zoroastro (século VI a.C.) falou de Chinvat, uma ponte a ser atravessada após a morte, que permitia a passagem dos justos, mas estreitava-se aos malfeitores, fazendo-os cair no inferno. O zoroastrismo posterior elaborou a ideia de punição ou salvação, de ressurreição e de purificação final dos pecadores.

— Depois?

— Na mitologia egípcia, a ideia desse julgamento pós-vida teve grande importância. Segundo suas lendas, o coração do morto era colocado num dos pratos de uma balança no outro, colocava-se uma pena do deus Maat (simbolizando o que há de justo e verdadeiro), assim, Osíris julgava se o morto seria absolvido ou condenado. Na mitologia grega, segundo Homero, a morte representava a desintegração do corpo, permanecendo um espectro, que era levado ao Hades para ser julgado e condenado a vagar eternamente pelas sombras infernais.

— Depois?

— Depois? Mas no próprio pensamento mítico grego haviam outras correntes: os mistérios de Elêusis (referentes à deusa Deméter e sua filha Perséfone, símbolos da vida que renasce na primavera) prometiam

aos seguidores a felicidade numa existência pós-morte; e o orfismo (referente a Orfeu, o primeiro mortal a descer ao Hades e retornar ao mundo superior), bem como a filosofia platônica, trazia a ideia da reencarnação (possivelmente oriunda do pensamento oriental).

— Prossiga.

— Prosseguir? Entendo. Na mitologia Asteca, vários mundos são criados e destruídos pelos deuses até o surgimento do mundo habitado pelos homens.

— Só?

— Só??? Ah, claro que não. Há mitos que falam de uma grande devastação na terra ocasionada por uma inundação – não num futuro fim dos tempos, mas que já teria acontecido.

— Está quase bom.

— Quase???!!! Bem, a exemplo disso, há o famoso episódio do Antigo Testamento bíblico, em que Deus teria enviado como castigo à humanidade um dilúvio, do qual apenas seus eleitos foram salvos (não são raras as culturas em que se fala de um salvador que, antes da destruição final, surge para resgatar aqueles escolhidos para participar da futura reconstrução da existência).

— Está bem Emília já sei o suficiente sobre a origem de seus conhecimentos. Diga, pois, qual é a pergunta para qual não encontra resposta.

— Ah... sim Kieza. A minha dúvida consiste em saber o que acontece de concreto após a morte? Quais são os segredos da morte?

— Bem, prestem atenção, vou contar-vos os segredos da morte que me foram revelados pelo meu avô, mas, peço-vos uma única coisa. Que guardem estes segredos no íntimo dos vossos corações.

— Bem, o primeiro segredo é que a morte não é o fim. O laço criado na vida, não é desfeito pela morte. Deve ser por isso que as pessoas choram, mas, não é o fim. Não é indiferente pensar a acção independentemente de uma crença de vida após a morte. Esta também determina a vida, pois determina os princípios que orientam o agir para os resultados que se querem experimentar nesta ou noutra vida, nesta ou noutra realidade. As consequências da acção não se esgotam na experiência humana, mas transportam-se também para a experiência espiritual, revelando-se nestas dimensões como prémio desejado ou castigo infligido. Os limites que separam a Vida da Morte são, quando muito, sombrios e vagos. Quem poderá dizer onde uma acaba e começa outra? Sabemos que há doenças em que ocorre tal cessão de todas as aparentes funções de vitalidade, mas, de fato, essas cessações são meras suspensões, propriamente ditas. Não passam de pausas temporárias.

— Bom, este é o segundo:

— Quando morre um ente querido, nós não choramos a morte, mas, a saudade que nos dá ou dará esse ente, a falta que a distância dela nos provocará. Imaginando os momentos vividos, desde os mais sublimes até aos mais aparvalhados. Daí a razão de chorarmos somente os nossos mortos.

— Como assim, Kieza? Quando há choro, por quem choramos? Por quem morreu, ou pela dor de quem permanece ainda nesta vida com a identidade marcada pelo ente que morreu?

— É simples entender isso Emília. Quando morre alguém que não conheces será que sentes a mesma dor que as pessoas mais próximas sentem? Sem querer confundir o ser apático.

— Não!

— É isso mesmo Emília! O velório que acontece em casa é um momento importante, que consagra o estatuto do morto. Por isso mesmo que, não choramos a morte, mas, o desaparecimento físico do nosso ente querido que provocará saudades.

— Posso contar o terceiro e último segredo?

— Sim! Responderam em coro. Estavam bem atentos no que dizia.

— A morte não dói. Apesar de que a maneira como morremos dói, mas a morte é uma libertação da dor. Com a morte a gente esquece-se da dor.

Os três ficaram de boquiaberta, o tom com que dirigia as minhas palavras os deixou perplexos.

— Tenho só mais uma pergunta Kieza. Disse Emília ainda com o seu rosto cheio de dúvidas.

— O que mais quer saber Emília?

— Então, por que a morte é sempre vista como uma espécie de escândalo?

— A morte é um fato que não tem igual, um fato ímpar, desmedido e incomensurável. — Não podemos deixar de constatar que a morte é um mistério; não temos como nos proteger de seu carácter vertiginoso e desconcertante. — Toda vez que ela se faz presente é como se fosse a primeira. Por mais que essa experiência se repita em nossas vidas, com ela não nos acostumamos. — Tenho uma pergunta a fazer-vos. Eles entreolharam-se desconfiados do que ia perguntar.

— Vocês conseguem olhar de frente o sol?

Rapidamente eles responderam:

— Não!

— Então vejo que tendes a resposta. Olhar o sol de frente perturba a visão. — Assim, quando olhamos a morte de frente perturba a nossa vida.

Mabanza, com profunda admiração, falou com voz audível para que Kieza pudesse ouvir:

— Então é por isso, que tanto falamos dela e dela tanto ouvimos falar?

— Os homens falam mais do que menos conhecem. E assim como falam da morte, também falam do amor .

— Chega de falarmos, da morte, o que vocês vieram fazer mesmo? Olhei à Maria e Emília.

— Como prometera nos encontrarmos no final de semana, viemos para descontrair um pouco. — Bom, é para isso que estamos cá. Disse Maria fixando-me com olhar sarcástico.

— Então vamos aproveitar o dia.

Enquanto tentava disfarçar, Mabanza analisando os meus passos e o meu estado emocional, perguntou-me:

— Você ficou zangada com as nossas perguntas, Kieza?

— Não, não fiquei.

— Certo. Gritou Mabanza, vibrando de alegria. — Então fale mais sobre a morte. Vejo que muito sabes a respeito e eu quero sanar todas dúvidas que tenho.

— Preste atenção, Mabanza. — Não podemos acumular tantos mistérios nulos sobre a morte para não corrermos o risco de absorvê-la como sem sentido, a vida inspira mais pavor do que a morte: é ela a grande desconhecida.

FIM !

NOTA DO ESCRITOR

As ideias para a conclusão desta obra deram-se através de leituras em sites, livros e vivas experiências do meu cotidiano. Trata-se pois, de uma obra que reuni as ideias soltas daquilo que são os mistérios da morte. Como disse no princípio e volto a repetir, “a minha atroz intenção não é resolver os enigmas da morte, mas propor enigmas e fazer com que o leitor pense e não pense por ele mesmo“. Como sabemos, desde a mais remota antiguidade, os homens se preocupam com sua existência. O homem tem uma curiosidade inata (não só por tudo que o cerca) que o impele naturalmente a ir mais longe, saber quem é, de onde vem e para onde vai, além de sua procedência, o homem questiona a sua própria existência. É desse rescaldo filosófico pelo qual propus-me a tecer e profanar as páginas cândidas e imaculadas deste livro do mundo onde julgamos ser dos vivos. De onde veio essa ideia? – O homem é louco, especulador do seu próprio destino, de tal modo que uns acreditam que o fim da vida é um recomeço, e, outros acreditam no fim da vida como fim de tudo, o porvir e o nada. Talvez prefiras encapetear-me por achares que abordei deste assunto tão venerável sem pudor, lhe lembro que o bom senso é necessário quando a escalada chega a uma boa altitude, o contrário também é verdadeiro, talvez acredites também que a morte não é o fim. Eu prefiro acreditar que um dia quando a neblina que nos confina

das verdades dessa vida se desfizer e o sol aparecer, avistaremos se estávamos a menos na metade do caminho certo ou não, nós ou vocês. A verdade é esta, toda especulação tem o seu fim, mas a morte não é o fim.

Fraternalmente,

Otchalí Hebo!

AS OBRAS DA EDITORA



CONTACTOS DA EDITORA

TEL:

(+244) 939835951-929519436-934211090-921540203

E-MAIL:

bancadadosescritores2@gmail.com

Conta do facebook:

Bancada dos Escritores



EDITORA
 **BANCADA DOS ESCRITORES**

